



Prólogo

Meu maior desejo é que escute e tudo faça sentido para você. Tristeza não é mais a palavra. Saudades? Tampouco serve, nem mesmo pra resumir. Mas, quer saber? A vida não foi mesmo feita pra ser um resumo. Por isso escreva sua história sem pressa. Dizem que em qualquer história a vida tem cheiro e som. Eu acho que a morte também. Pelo menos o cheiro. É, definitivamente, a morte tem cheiro. Quando tudo acaba, a gente ouve o silêncio, quase ensurdecedor, mas ainda sente o que ficou no ar. E quando algo vai embora o novo chega com suas possibilidades, que continuam guardando aquilo que restou pairando no ar...

*Curitiba/Brasil, madrugada de domingo,
15 de janeiro de 2006.*





Esse texto poderia ser uma carta de amor, um bilhete para alguém distante ou o rascunho de um discurso de reconciliação. Mas ele não era exatamente nem uma coisa nem outra. Pelo menos não quando foi escrito há quase dois anos. Talvez, hoje, depois de tantas horas perdidas, dias roubados; diante desta mensagem, eu a compreenda como sendo tudo isso de uma só vez. Talvez ela exista ou eu a tenha criado para um dia entender algumas coisas. Talvez...

Fiquei ali criando hipóteses, sentada imóvel diante da penteadeira de meu quarto na casa de minha mãe, com aquele pequeno pedaço de papel amarelado em minhas mãos, segurando-o com tanto cuidado, que era como se ele pudesse cair e se despedaçar. Meus dedos finos tentavam ajustar, com uma delicadeza que não era minha, o frágil papel que parecia pesar uma tonelada sobre minhas desajeitadas mãos. Mesmo com certo desconforto e uma tremedeira sobrenatural encontrei jeito de mantê-lo firme sob meus cuidados.

Meus olhos piscavam, repetida e involuntariamente, centenas de vezes por segundo. A velha e idiota tentativa de ajustar a visão, sinalizando perigo toda vez que me sentia ameaçada. Nunca consegui focar, muito menos manter o controle. Eu sabia que isso não era apenas um papel, daqueles em que rabiscamos um recado e o perdemos em um canto qualquer. Aquela mensagem encontrada no maleiro do guarda-roupa, depositada em uma caixa que ganhara de um amigo especial, falava intimamente comigo. Era até capaz de ouvir sua voz. Grave, áspera e, exageradamente, decidida.

De repente, ao meu redor nenhum outro som a não ser o daquelas palavras que se repetiam. Em série. Até eu não saber mais distinguir, de fato, o real do imaginário.





Instintivamente, segui frase por frase. Era como se a mensagem tivesse vida própria. Comecei a ouvi-la com uma atenção que não vinha dispensando a ninguém. Hipnotizada pelas minhas próprias palavras e embriagada por um perfume doce que estava no ar, talvez vindo de fora, pela janela aberta, passei a me mover lentamente e senti um leve, quase gostoso, arrepio. Até que a voz cessou e o perfume desapareceu. Continuei parada olhando e piscando para o papel. Meus olhos embaçados não conseguiam mais ler. Sem sinal de vida, desviei meu olhar para o espelho tentando enxergar o que estaria diante de mim. Não gostei do que vi e desejei o que não vi. As janelas continuavam abertas, mas o cheiro fora embora. Não tinha mais calafrios. Senti um vazio perturbador. Como se só naquele instante eu tivesse ficado sozinha. Abandonada dentro do meu quarto que, assustadoramente, não recebia visitas, a não ser a minha, há muito tempo.

Minha mão direita acariciou o papel como se pudesse tocar minhas recordações e a outra buscou, racionalmente, a bolsa. Desnorteada, não sei por quanto tempo fiquei ali repetindo o mesmo gesto. A sensação era de que uma eternidade passava por mim. Em branco. Comecei a sentir falta de ar mesmo com a janela escancarada e o vento batendo na minha cara. Meu fôlego falhou e a consciência também. Cambaleando, consegui vestir o primeiro jeans que apareceu na minha frente. Esqueci do moletom e do tênis que eu procurava no maleiro, peguei minha bolsa pendurada no cabide atrás da porta e saí, sem voltar a me olhar, sem pentear meus curtos cabelos, sem nem ao certo saber para onde ir. Eu queria simplesmente sair. De alguma forma aquele papel era uma pista.





Foi no que decidi acreditar. Por que o encontrei novamente sem ao menos procurá-lo? Por que mexera tanto comigo? De onde vinham aqueles calafrios? Por que foram embora tão rápido quanto chegaram? Por que eu sentia uma falta estranhamente íntima daquele perfume que eu nem sabia de onde vinha?

No meio de todas essas dúvidas tive apenas uma confiança naquele momento, revê-lo assim, de repente, não poderia ser obra do acaso. Aliás, nunca de fato acreditei em acasos. No momento em que bati os olhos novamente naquele papel, não tive escolhas, voltei no tempo e fui reviver parte de uma história para, quem sabe, continuar dando sentido à minha história.

Quando dei por mim já estava na rua das flores, entrando no velho e aconchegante Marc Pan com o papel apertado em minhas mãos. Agora, ao invés de delicadeza, meus finos dedos ofereciam força ao pequeno texto que eu não mais acolhia, mas agarrava. Nem sei exatamente como caminhei até lá, mas não poderia ter escolhido melhor destino. Chegando à cafeteria, sentei na última mesa no fundo do canto esquerdo, minha predileta pela sua oferta de privacidade. Se bem que naquele horário de domingo, 6h30 da madrugada, praticamente todas ainda estavam vazias. Olhando pela veneziana de madeira entreaberta, vi pela vidraça, marcada pela sujeira que um pano mal passado deixou para trás, a chuva começar a cair do céu cinzento em cima das poucas pessoas que vagavam entre os prédios. Foi neste dia repleto de sombras que eu comecei a enxergar novamente, divagando e indo parar exatamente no dia da criação daquele bendito texto que acabara de encontrar...





1

A criação

*Florença/Itália, manhã de Sexta-feira Santa no Brasil,
9 de abril de 2004.*

Reli o texto umas mil vezes naquela manhã de sol e de um céu tão azul que fazia minha inspiração borbulhar. A cada nova leitura, um novo ajuste. Até que resolvi finalizar com algumas frases introspectivas. Como “quando algo vai embora, o novo chega com suas possibilidades, que continuam guardando aquilo que restou pairando no ar...”. Este texto seria a última parte de minha exposição que estava prestes a acontecer, dali míseros sete dias. Mal podia acreditar. Minha estreia no Centro Histórico da capital das artes, ao lado da *Galleria Degli Uffizi*¹. Seria mesmo real? Imagina,

1 Galleria Degli Uffizi é um palácio de Florença, na Itália, que abriga um dos principais museus do mundo. Dividido em mais de cinquenta ambientes, reserva grande espaço para artistas do





eu, Izadora Morgan Luchetta, expondo ao lado de grandes nomes como Botticelli, Michelangelo, Donatello, Rafael, Rosso e Leonardo da Vinci! Nem preciso dizer o quanto estava eufórica. Se bem que me deixar empolgada nunca foi das tarefas mais difíceis. Nestas circunstâncias, eu estava insuportavelmente entusiasmada!

Ainda faltavam alguns detalhes que precisavam ser ajustados em apenas uma semaninha. A minha cara deixar coisas para a última hora. Mas também que chato deve ser passar a régua e ter a vida medida, calculada, programada e ajustada em valores. Eu preferia mesmo optar pelo oposto. Confesso que, às vezes, me colocava em situações difíceis, como a simples escolha do nome da exposição. Acabei definindo em cima do prazo para rodar o material de divulgação. E decidi por "Interrupções: laços desfeitos, refeitos e eleitos". Acho que esse foi, pelo menos, o sétimo nome que inventei para a exposição. Talvez um pouco delicado demais comparado ao impacto do conteúdo. Só que desta vez o contraste não me incomodou. Pelo nome, alguém poderia imaginar uma coisa e ao fazer contato com os trabalhos, criar outro sentido, o que, no fundo, seria perfeito, já que o confuso estava mesmo o tempo todo presente em minhas obras, em mim. Talvez a escolha não tenha sido tão aleatória como me pareceu no momento em que a tomei. De todos os títulos, este era o que mais compreendia o significado da mostra, que falava de relações. daquelas que começam, terminam, são interrompidas, nunca acontecem ou até mesmo daquelas que no íntimo nos corroem.

Renascimento, da arte clássica de Roma. É nele que se pode ver obras-primas como *Primavera* e *O nascimento de Vênus*, de Botticelli.





As treze obras escolhidas para a exposição, entre telas e esculturas, foram produzidas durante anos, em meio a vários outros projetos. A mostra reunia não apenas meus melhores trabalhos, talvez ali nem estivessem de fato minhas obras-primas mais bem avaliadas pelos críticos, mas sim as que eu mais gostava. Portanto, as que mais se encaixavam neste meu maior sonho, que eu carregara durante uma vida inteira, pelo menos até então.

A exposição era meu ar, minha água. Toda minha alma e as batidas do meu coração estavam ali, entregues. Andava mais obstinada do que nunca.

Recém-criado, fruto de uma inexplicável inspiração, aquele pequeno texto ficaria bem no meio de uma grande parede branca no fim da última sala. Em microletras cinza grafite, as palavras seriam um convite minucioso para que ninguém deixasse a exposição sem antes repensar, em seus laços. O restante da parede livre seria uma provocação, um enorme espaço vazio, para o visitante interagir e continuar a mensagem.

Talvez deixasse pincéis e tintas à disposição, ou mesmo canetões. Não tinha claro como, na prática, permitiria a participação do público, só tinha a ideia de que a continuação daquele texto seria escrita por outras mãos que não as minhas. Eu definitivamente não poderia, por ora, imaginar o fim daquela mensagem.

Há anos sonhava e de alguma forma arquitetava este trabalho que, finalmente, estava se materializando. Nada neste momento poderia desviar minha atenção. Pelo menos era no que eu acreditava.

"Izadora, você realmente está podendo. Seu trabalho está um primor", costumava dizer Francesco Lopes. Um





italiano charmoso que eu tive a sorte de ter como vizinho. Seu apartamento ficava ao lado do meu *atelier* e em poucos dias nos tornamos amigos ancestrais.

Logo na minha primeira semana na Itália ele me ensinou o verdadeiro prazer de comer massas e dar boas risadas tomando taças, muitas taças, de vinho. Para uma brasileira acostumada e fã de uma boa tulipa gelada, em apenas alguns dias na Itália eu já estava, digamos, que bem adaptada ao vinho. Trocar a cerveja quente da Europa por uma taça de vinho da melhor qualidade não foi das coisas mais complicadas de se fazer por ali.

Nesta sexta, Francesco não veio me servir uma taça de vinho ou sequer repetir deliciosamente que eu estava "podendo" com a minha arte. De repente, ele entrou em meu *atelier* com meu celular à mão, que na noite anterior esquecera em sua casa durante mais uma rodada de vinhos e massas, e apenas disse "ligação brasileira".

Aquela voz eu conhecia de olhos fechados. Fi era a forma como eu e minha irmã do meio nos chamávamos. Não sei bem quando o apelido surgiu, nem mesmo de onde veio, mas ele realçava nossa proximidade, o que bastava para a gente continuar uma vida toda se chamando assim. Logo pensei que só poderia ser boa notícia. Não entendi a seriedade de Francesco.

- Oi, Fi! Falar com você logo de manhã, só vai me inspirar ainda mais! A propósito, o que não tem me faltado é inspiração. Cabeça fervendo, surtando... - disparei e continuei sem deixar minha irmã falar qualquer outra palavra por alguns longos minutos. - Já sei, vocês estão todos aí reunidos e sentiram saudades mim!

- Quem mais fala bobearas com tanta naturalidade como eu? Ai, tô morrendo de saudades também. Adoraria





passar a Páscoa aí na sua casa, mas daqui a poucos dias vou abraçá-los aqui, não é mesmo? Estaremos todos reunidos, desta vez na Itália, imagina que demais, hein?! O pai na terra dos seus antepassados. E a mãe, quem sabe dá uma esticadinha em Londres para também rever suas raízes...

Sem perceber comecei a insistir na vinda deles. Inconscientemente tentava me certificar que de fato eles viriam. Não tomei fôlego e continuei tagarelando.

- E meus sobrinhos? Chegaram os chocolates que enviei? A mãe tá fazendo bacalhau? Fez uma parte da assadeira sem cebola pra mim? Sabe... eu queria tanto que você visse minha exposição antes de inaugurá-la! Opa, eu tô ouvindo o chorinho de um bebê... Mas, então, me diga, que dia mesmo vocês chegam? Quarta ou quinta que vem?

- Iza, então...

Aquele "então" me cortou. Um corte seco e severo. Um breve silêncio. Torci o nariz, franzi a testa e esperei o restante da frase que veio em seguida.

- Estamos bem. O bacalhau tá no forno, quase pronto. Estamos todos aqui, falta só você!

Ufa! Nada que eu já não esperasse ouvir. Quem disse que o óbvio também não pode ser bom? Sorri e com os lábios entreabertos soletrei salivando.

- Hum... Posso sentir o gostinho do bacalhau da mãe mergulhado no azeite entre as batatas douradas, as grossas rodela de tomates e as azeitonas pretas. Sabe, eu aprendi uma nova receita aqui com uma portuguesa que vive na Itália há mais de vinte anos. Lascas de bacalhau com nata e batatas ao murro. Delicioso! Mas de qualquer jeito o bacalhau da mãe continua sendo o meu predileto.





Brinquei, sem dar muita importância para a distância. Afinal, estávamos todos bem e felizes onde quer que estivéssemos, certo?!

- Então, está quase tudo pronto para a exposição, Iza?

Não dei muita trela para a sua conversa "mole" e voltei à minha pergunta anterior.

- Mais ou menos, você me conhece, né?! Toda hora mudo alguma coisa! Mas me diga que dia vocês chegaram?

Eu estava ansiosa demais para ter todos perto de mim no dia da minha inauguração e só de imaginar o contrário era a morte para mim.

- Então, Iza...

De novo esse "então" atormentando a minha paciência. Desta vez, ele me irritou de verdade. Saquei na hora que tinha algo de errado. Novo silêncio. Comecei a não gostar do rumo daquela conversa. Apertei firme o celular contra meu rosto e minhas palavras começaram a sair em tom rispidamente imperativo.

- Dá pra você parar de me enrolar e responder minha pergunta? Aconteceu alguma coisa? Ainda não marcou as passagens? Vocês não vão dar pra trás numa altura dessas, vão?

Com a voz serena e uma desenvoltura irritante, a Fi rebateu.

- Você quer dizer responder as perguntas, né, Iza?! Uma coisa de cada vez. Primeiro estamos todos bem, fique tranquila. Mas aconteceu um imprevisto, sim, e os planos mudaram um pouco, nós...

Ao ouvir "os planos mudaram" enlouqueci de vez e não a deixei continuar. Aumentando ainda mais o timbre da minha voz.





- Como assim mudaram? Você não está querendo me dizer que não vem mais, está?

Não passava pela minha cabeça motivo algum que justificasse a ausência deles na inauguração da minha exposição em Florença. Poxa, isso já estava acertado há tanto tempo, não poderia mudar de uma hora para outra! E as minhas certezas onde é que eu iria enfiá-las?

- Iza, nós sofremos um acidente.

Entrei em transe. Agora quem silenciara era eu. Nenhuma palavra saía mais da minha boca. Pelo menos assim a Fi pôde continuar. Sinteticamente, ela conseguiu resumir a história de forma bastante coerente até mesmo para alguém atordoado como eu naquele momento.

- Estávamos chegando à cidade quando o carro capotou três vezes. Em um segundo estávamos na estrada e no outro, tudo escuro. Parecia que tudo ia acabar, mas de repente, estávamos lá, catando as coisas espalhadas. Ninguém ficou gravemente ferido. Foi uma distração, a Mary perdeu o controle da direção quando foi brincar com a Hanna. As crianças foram parar metros longe do carro e, milagrosamente, só tiveram arranhões. A mãe e eu ficamos com alguns hematomas, estávamos sem cinto. A Mary não teve nenhum machucado visível. O carro deu perda total. No fim foi só um grande susto. Estamos todos aqui e é o que importa.

Com a voz baixa e sufocada pelos meus nervos pronunciei:

- Claro que não poderia acontecer nada grave com algum de vocês. Quando foi?

- Tem dois dias, estávamos vindo do Paraná para Goiás. Sem pensar, rebati. Desta vez, gritando:





- E só agora você me conta? Toda minha família dentro de um carro que capota e só dois dias depois eu fico sabendo?

- Não ia adiantar você saber antes, Iza. Queríamos que tudo estivesse sob controle pra contar. E ainda mais não queríamos atrapalhar os preparativos pra sua exposição e também ter alguma nova data possível pra viajar.

Cada palavra era uma dinamite arremessada bem em cima de mim. Eu já estava minada e ainda assim contestava.

- Tem mais esta? Vocês não vêm mais pra abertura da minha exposição? Estão todos bem! Qual o empecilho?

Esbravejei tão alto que Francesco apareceu na porta, acho que para se certificar de que tudo estava bem, ou ao menos no seu devido lugar. Além de assustada, naquele momento eu estava desapontada. Que loucura, de repente o mais grave parecia ser o fato de eles não poderem estar presentes em meu grande evento e não o acidente em si... Egoísta, pensei piscando os olhos como uma louca: *Já que estavam todos vivos por que diabos não poderiam se enfiar dentro de um avião e vir para Itália?* Após meus berros ao telefone uma nova torturante pausa. E depois de segundos de um silêncio eterno, parte de minha sanidade voltou e com ela a preocupação em saber exatamente como todos estavam.

- Ok. Meu Deus, que doideira! Pirei com tudo o que acabei de ouvir. Agora me fala como todos estão de verdade?

- Eu passei uma tarde no hospital para curativos e observação. Fiz um cortão no braço esquerdo e bati a cabeça, mas ela continua funcionando. Pelo menos aparentemente. (Tímidos risos.) A mãe está toda roxa, a Mary, como eu já falei, não ficou com nenhum arranhão. Agora, o incrível foi





com as crianças. Os dois foram lançados pra fora do carro. O Tony se arranhou um pouco e teve um cortezinho acima da boca, talvez fique uma pequena cicatriz. Encontramos a Hanna deitada em cima de sua mantinha estendida na lavoura de soja. Como se alguém a tivesse pegado e colocado ali. Só que, detalhe, não havia ninguém no local além de nós.

Ouvi tudo atentamente para não perder nenhum detalhe e ter certeza de que a história que minha irmã contava fazia sentido. Prestei muita atenção para conseguir perceber se ela me escondia algum fato. Como se eu pudesse saber, caso ela quisesse mentir! A velha mania da Izadora de controlar tudo, ou pelo menos tentar.

- E o resgate? Demorou pra alguém chegar?

- Quando o carro parou com as rodas pra cima ficamos trancadas. Começamos a quebrar os vidros que ainda não estavam espatifados pra tentar sair. A Mary foi a primeira a conseguir. E saiu gritando, pedindo desculpas, perguntando se todos estavam bem. Nós duas retiramos a mãe, que antes da gente escapar repetia sem parar pra gente sair logo do carro com medo dele explodir. Foi mais difícil retirar a mãe, mas quando nos demos conta, estávamos todas fora do carro. O Tony, chorando, veio em nossa direção. Andamos por perto e encontramos a Hanna, como já contei. A mãe disse que acha que viu alguém no local logo após o carro capotar, não tem certeza, mas tem a sensação de ter visto alguém socorrendo as crianças. Só que até então não havia passado ninguém no local do acidente desde o capotamento. Depois de um tempo um caminhão parou. O cara me levou primeiro junto com as crianças. Ligamos para o João que apareceu em minutos e chamou a polícia.





Mesmo após o detalhado retrato eu quis falar com todo mundo. E ainda assim pedi que me enviassem fotos atuais. Despedi-me de minha mãe, sussurrando:

– Graças a Deus foi só perda material, isto é realmente o de menos. Agora vocês não poderão viajar tão cedo porque precisam resolver os trâmites legais do carro, precisam se recuperar emocionalmente, né?!

As palavras que saíam de minha boca não expressavam o que eu realmente desejava. Eu ainda lamentava a mudança de planos. Desapontada, pensei em voz alta. *Como sou azarada!!!* Apenas uma única ligação para tudo mudar.

No mesmo dia, recebi o *e-mail* prometido pela Fi com as fotos. Vendo-as tive um estranho pensamento. Toda minha família ali reunida em um carro e só eu fora dele. Um acidente e pronto, em um instante eu poderia ter perdido tudo o que é mais importante para mim. *Imagina... Isso nunca vai acontecer!*, profetizei. Neguei, novamente. E dei um jeito de chutar para bem longe aquele pensamento. Como fiz, quando criança, uma vez, para matar as saudades de uma amiga que eu acreditava ter perdido. Na época, com apenas sete anos, escrevi uma carta mesmo sem ter o novo endereço para onde ela tinha mudado e a enterrei, sozinha, no quintal de casa. Nunca contei isto a ninguém, palavras para uma amiga que partira. Um jeito de dizer adeus e decidir não mais me importar com sua 'ida'. Agora, mais velha é claro que eu também daria, mais uma vez, um jeito com a distância. Além do mais, nada de fato ou ninguém havia se mudado! Pelo menos era o que eu achava. Naquele instante, senti uma pontinha de alívio e percebi que afinal de contas não era tão azarada assim.





Praticamente todos os dias lemos nos jornais notícias sobre acidentes. De tanto o noticiário se repetir parece que eles são banais. Para quem imaginava que acidentes só pudessem acontecer com os outros, a partir daquele telefonema de sexta-feira eles começaram a estar, de alguma forma, sempre por perto.

